

Este artigo foi recebido em 02 de setembro de 2025 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme política editorial, sendo aprovado para publicação em 29 de setembro de 2025.

ADOLESCÊNCIA: IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE

ADOLESCENCE: IDENTITY IN THE POSTMODERN ERA

Rita de Cássia da Silva Cunha

Doutoranda em Teologia pela Faculdades EST, Mestre em Teologia Prática (cinema, adolescência e sentido de vida) pela Faculdades EST (2023), Especialista em Cultura Pop pela Faculdades EST(2022) e graduação em Letras Português/Espanhol pela Universidade do Vale do Rio do Sinos (2009). Atualmente é professora- Instituição Evangélica de Novo Hamburgo

E-MAIL: rita.c@ienh.com.br

Resumo

Este artigo explora o conceito de adolescência sob diversas perspectivas, abordando suas definições biológicas, psicológicas, sociais e históricas. Analisa a complexidade da delimitação etária da adolescência, considerando as influências culturais e legais, e discute a construção da identidade adolescente na pós-modernidade. O estudo com foco na moratória psicossocial de Erik Erikson e nas concepções de identidade de Stuart Hall e Jean-François Lyotard, oferece uma compreensão multifacetada desse período de desenvolvimento humano.

Palavras-chaves: Adolescência. Identidade. Pós-modernidade.

Abstract

This article explores the concept of adolescence from various perspectives, addressing its biological, psychological, social, and historical definitions. It analyzes the complexity of defining adolescence by age, considering cultural and legal influences, and discusses the construction of adolescent identity in postmodernity. The author's original text is maintained, focusing on Erik Erikson's psychosocial moratorium and Stuart Hall's and Jean-François Lyotard's conceptions of identity, offering a multifaceted understanding of this period of human development.

Keywords: Adolescence. Identity. Postmodernity.

Introdução

Falar de adolescência é falar de um tema aberto. Um tema que suporta diversas perspectivas de análise. Como a adolescência é propriamente uma temática ainda em construção que prescinde de balizas conceituais precisas, tais como critérios etários, por exemplo, analisaremos algumas concepções científicas e suas implicações.

“A vida, numa perspectiva desenvolvimentista em Psicologia, é entendida como um processo em que transformações biopsicológicas vão ocorrendo e produzindo efeitos na dimensão sociocultural do ser humano.” [1] É sabido também que as interações socioculturais e históricas de uma determinada sociedade, ou ainda de uma parcela dessa mesma sociedade, podem influenciar o desenvolvimento psicológico, bem como o desenvolvimento biológico do ser humano em formação. Por conta dessa multifacetação de possibilidades que o

desenvolvimento humano é subentendido, logo, conceituar adolescência se mostra uma tarefa complexa.

O Relatório Mundial da Infância, documento elaborado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), sustenta a dificuldade em definir adolescência em termos precisos citando três fatores preponderantes:

Em primeiro lugar, é amplamente reconhecido que cada indivíduo vivencia esse período de modo diferente, dependendo de sua maturidade física, emocional e cognitiva, assim como de outras contingências. [...] O segundo fator que complica qualquer definição de adolescência é a ampla variação nas leis nacionais que estabelecem limites mínimos de idade para participação em atividades consideradas exclusivas de adultos [...] A terceira dificuldade em definir a adolescência é que, independentemente de limites legais que separam infância e adolescência da vida adulta, é grande o número de adolescentes e crianças pequenas em todo o mundo envolvidos em atividades de adultos, tais como trabalho, casamento, cuidados primários e conflitos. [2]

Entretanto, em que pese a Convenção para os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas [3] em seu artigo primeiro [4], considerar que seja criança todo o ser humano com menos de 18 (dezoito) anos de idade, salvo se no país signatário houver lei que considere a maioria como idade inferior, a Organização das Nações Unidas, através do Relatório Mundial da infância, aceita que pessoas na faixa etária dos 10 (dez) aos 19 (dezenove) anos possam ser consideradas adolescentes [5], considerando, portanto, ser a segunda década de vida a fase da adolescência. No Brasil, o conceito estabelecido para diferenciar criança e adolescente foi dado pela Lei 8069/90, também conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Em seu artigo segundo [6], o ECA estabelece que se considera criança a pessoa até 12 (doze) anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre 12 (doze) e 18

(dezoito) anos de idade, podendo ainda haver uma dilação do prazo até 21 (vinte e um) anos caso houver excepcionalmente expressões legais que assim autorizem. [7]

É de se notar que o início e o fim da adolescência nem mesmo na esfera legal está bem definido. Luis Antonio Groppo afirma, contudo, que a questão temporal não é somente o que se deve levar em consideração quanto ao fato de conceituar adolescência, existem outros fatores que devem ser analisados.

Certamente o Direito interpreta parte das práticas sociais e do imaginário coletivo, dividindo a transição da infância à maturidade em "adolescência" e "juventude". No entanto, apesar de reconhecer adolescência e juventude como direitos, colaborando potencialmente para aumentar o grau de civilidade e bem-estar de indivíduos e coletividades, o ponto de vista legal ainda deixa de lado muito da complexidade e diversidade assumidas na condição juvenil. Para a compreensão dos significados sociais das juventudes modernas e contemporâneas, o essencial não é delimitar a faixa etária de sua vigência. Esta faixa etária (...) não tem caráter absoluto e universal. É um produto das instituições das sociedades sobre a sua própria dinâmica. [8]

Assim, além do marco temporal estabelecido pelo Direito para efeitos de compreensão da infância e da adolescência, há outras concepções oriundas da Medicina, da Psicologia, como também da Sociologia e Antropologia que determinam o desenvolvimento humano. Dessa forma, "os conceitos de puberdade, adolescência e juventude guardam atributos científicos que devem ser considerados em estudos e pesquisas sobre o assunto" [9]. Segundo Luciana Bispo,

[...] puberdade é um conceito de natureza biológica, originado das Ciências Médicas e refere-se ao conceito de transformações biológicas que marcam o fim da infância e a primeira fase da adolescência; adolescência é uma concepção atribuída à Psicologia, Psicanálise e Pedagogia e refere-se ao conjunto de mudanças psicológicas e comportamentais, sobretudo, no que diz respeito à estruturação da identidade, personalidade, afetividade e sexualidade vividas na fase intermediária entre a infância e a vida adulta; e juventude é o termo utilizado pela Sociologia e pela Antropologia, e diz respeito ao período intermediário entre as mudanças sociais da infância e os compromissos e responsabilidades atribuído às pessoas adultas. [10]

Em que pese a puberdade, a adolescência e a juventude de alguma forma se eclipsarem durante a vida do ser humano e, a depender do prisma epistemológico que se mire, possam os conceitos ser parecidos ou mesmo interligarem-se em determinados momentos, tais não devem se confundir. “A puberdade entendida como um conjunto de alterações biológicas que ocorre no corpo humano é um fenômeno universal que ocorre com todas as pessoas” [11], embora possa haver uma variação entre pessoas e culturas.

O processo da puberdade dura aproximadamente quatro anos, tanto para meninos quanto para meninas, sendo frequente ter início mais cedo (dois a três anos) nas meninas. Outra experiência muito significativa da puberdade é o surto de crescimento adolescente que afeta ambos os sexos, isto é, um rápido aumento de altura e peso, que, nas meninas, tende a ocorrer em torno dos 10 anos e, nos meninos, em torno dos 12 ou 13 anos durando aproximadamente dois anos. [12]

Além do aspecto do crescimento inserido na questão temporal da puberdade, há também a questão sexual. A maturação sexual humana se dá pela produção de espermatozoides no homem e na menstruação na mulher, podendo variar de acordo com elementos de ordem orgânica das pessoas, até mesmo ser influenciada por fatores externos como, por exemplo, pessoas com melhor nutrição tendem a se desenvolver mais precocemente.

Tanto a Medicina como as Ciências Médicas, de um modo geral, tendem a compreender a adolescência sob o prisma biológico da puberdade, entretanto, a adolescência escapa aos parâmetros próprios da puberdade, sendo uma concepção mais larga do que o viés biológico pode informar. A adolescência “engloba, além dos aspectos biológicos da puberdade, os elementos psicossociais próprios dessa fase, influenciados por aspectos culturais, mas que não são deflagrados apenas pelos impulsos fisiológicos” [13]. A cultura é um dos elementos mais importantes na definição desta fase da vida do ser humano. Além de informar quando começa e quando termina, também é tributária de um modo de vida, o modo de vida adolescente. “É uma das formações culturais mais poderosas da nossa época.” [14]

Entretanto, nem sempre foi assim. A concepção de adolescência como uma fase do desenvolvimento humano diferente da infância e da adultez se apresenta como “um fenômeno das sociedades modernas surgidas no final do século XIX e início do século XX com o incremento da urbanização e industrialização.” [15] João Batista Libâneo afirma que, na Roma antiga, não havia o conceito de adolescência ou até mesmo de juventude, fazendo-se sim uma “passagem direta da idade infantil para a adultidade por meio de um ritual cívico religioso.” [16] No entanto, já no século II a.C., “inventa-se em Roma a fase intermediária entre a infância e a adultidade [...] limita-se a 25 anos a participação em cargos públicos.” [17] Havendo assim o primeiro movimento de suspensão da vida do ser humano, pelo menos de seus direitos, que mais tarde será entendida como a moratória da adolescência, assunto que abordaremos com mais vagar em tópico próprio.

Philippe Ariès [18] refere que até o século XII a arte não conhecia a infância. As pinturas retratavam adultos em miniatura, conferindo às pinturas, quando retratavam crianças, os traços de adultos em perspectiva menor. Com o passar do tempo, no século XIV, começou-se a representar crianças nos túmulos de seus professores, não no sentido de lembrança das mesmas, mas como deferência à obra do profissional. De qualquer forma, percebe-se uma evolução no sentido da percepção da diferença dos corpos. Nesse sentido, já no século XVII, considerava-se primeira infância as crianças com cinco a seis anos, “quando o menino deixava sua mãe, ama ou suas criadas. Aos sete anos ele podia entrar para o colégio. [...] Mais tarde, a idade escolar foi retardada para os 9-10 anos.” [19] Ainda nos séculos XVII e XVIII, as pessoas com idades de dez a vinte cinco anos frequentavam as mesmas classes escolares, não havendo uma distinção entre crianças, adolescentes, jovens e adultos. “O período da segunda infância-adolescência foi distinguido graças ao estabelecimento progressivo e tardio de uma relação entre idade e classe escolar.” [20]

A partir disso, com a revolução industrial, as dinâmicas se tornam diferentes. Com a emergência de uma população apta ao trabalho, considerando que, nos primórdios da industrialização, crianças de seis anos de idade eram consideradas capazes ao trabalho, se mostrou necessário, contudo, encontrar uma alternativa a este problema, denotando que a construção da ideia da adolescência também é histórica. Libânio assim leciona:

É necessário conter a mão-de-obra, criando a infância e a adolescência escolar. É um processo histórico complexo, mas que pouco a pouco forjou essa estrutura que hoje nos é familiar nas classes e nos países desenvolvidos. Surge a família nuclear e burguesa. As crianças vão à escola, organizada então por idades. (...) O esporte em equipe cumpre papel importante para domar os jovens e afastá-los da questão social. Os rapazes se distanciam das moças. Os movimentos de juventude, como os escoteiros, ajudam a moldar a juventude. [21]

DESENVOLVIMENTO

Identidade Adolescente – Uma Concepção Psicológica

Michel Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir* [22], analisa a questão da ortopedia social, onde as pessoas são normatizadas, pasteurizadas pelas instituições a fim de que se enquadrem mais docilmente às regras que a sociedade impõe, a sociedade do controle onde a “questão básica era limitar-lhe a liberdade.” [23] Assim, passada a infância, o ser humano se integra no meio social, apropriando-se de seus interditos e imperativos, percebendo que existem “dois campos nos quais importa se destacar para chegar à felicidade e ao reconhecimento pela comunidade: as relações amorosas/sexuais e o poder (ou melhor, a potência) no campo produtivo, financeiro e social.” [24] E isso se traduz em duas qualidades fundamentais na modernidade fluida [25]: “ser desejável e invejável.” [26] No entanto, mesmo que esse ser humano tenha assimilado todos os valores da sociedade onde se encontra e que seu corpo tenha se desenvolvido a ponto de se reproduzir, e, ainda, esteja apto ao trabalho e mais, apto a competir de igual para igual com os adultos, não é reconhecido ainda como um ser humano adulto. Lhe é interdito o direito à adultez e suas prerrogativas.

A essa interdição se convencionou, após os estudos de Erik Erikson, chamar de moratória psicossocial.

Assim, por moratória psicossocial entendemos um compasso de espera nos compromissos adultos e, no entanto, não se trata apenas de uma espera. É um período que se caracteriza por uma tolerância seletiva por parte da sociedade e uma atividade lúdica por parte do jovem; entretanto, conduz também, frequentemente, a um empenho profundo, ainda que amiúde transitório, jovem – terminando com uma confirmação mais ou menos cerimonial desse compromisso pela sociedade. [27]

Erikson afirma que a moratória é impingida à maioria das pessoas jovens e é determinada por cada sociedade e cada cultura, sendo que os imperativos socioculturais diferem de uma sociedade para outra. Além disso, Erikson afirma que a moratória psicossocial é algo necessário ao desenvolvimento humano, sendo mais que um período de espera, de latência, se constituindo também num “tempo de aprendizagens e aventuras que se harmonizam com valores da sociedade.” [28] E que a moratória psicossocial é fator fundamental no processo de formação da identidade da pessoa adolescente.

Na perspectiva de Erikson, Maurício Knobel e Arminda Aberastury perceberam com seus estudos que a adolescência é caracterizada por uma síndrome normal cujas características próprias estariam subsumidas na sintomatologia dessa síndrome, a saber:

1) busca de si mesmo e da identidade; 2) tendência grupal; 3) necessidade de intelectualizar e fantasiar; 4) crises religiosas, que podem ir desde o ateísmo mais intransigente até o misticismo mais fervoroso; 5) deslocalização temporal onde o adolescente pode tanto regredir ao passado como se adiantar ao futuro; 6) evolução sexual desde o autoerotismo até a heterossexualidade; 7) atitude social reivindicatória com tendências anti ou associas de diversa intensidade; 8) contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta; 9) uma separação progressiva dos pais; 10) constantes flutuações de humor e do estado de ânimo.

Essa síndrome, segundo os autores, seria uma entidade semipatológica, uma vez que se o adolescente não apresentar os sintomas, ou se apresentar de forma muito acentuada, poderia ser considerado um sinal de patologia. A síndrome normal da adolescência seria, portanto, um momento de desequilíbrio e instabilidade extremas, um momento de confusão.

Identidade na Pós-Modernidade

Stuart Hall [29], em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, afirma que a identidade na pós-modernidade se tornou algo móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. A identidade é vista como um processo de identificação, uma construção, um processo nunca acabado. Hall descreve três concepções de identidade: a do sujeito do Iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo era baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa.

O sujeito sociológico, por sua vez, reflete a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas formado na relação com “outras pessoas importantes”, que mediavam para o sujeito os valores, os sentidos e os símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava.

Já o sujeito pós-moderno, segundo Hall, não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.

Essa concepção de identidade fragmentada e descentrada é um reflexo da própria pós-modernidade, caracterizada pela quebra das grandes narrativas, pela incredulidade em relação aos metarrelatos, como descreve Jean-François Lyotard [30]. A pós-modernidade é o tempo da incerteza, da pluralidade, da fragmentação.

Nesse contexto, a construção da identidade do adolescente se torna ainda mais complexa. Se a adolescência já é, por si só, um período de crise e de busca por uma identidade, como vimos com Erikson, na pós-modernidade essa busca se dá em um terreno movediço, sem as referências sólidas que guiavam as gerações anteriores. O adolescente pós-moderno precisa construir sua identidade a partir de fragmentos, de múltiplas referências, em um processo constante de negociação e reinvenção de si mesmo.

Adolescência e Audiovisual

Adolescentes buscam agrupar-se por afinidades e/ou interesses comuns para se sentirem aceitos ou seguros. Afirma Mafessoli [31] que “as tribos urbanas podem ser definidas como grupos semiestruturados de pessoas que se aproximam por uma identificação comum quanto a alguns rituais e elementos que expressam valores e estilos de vida de uma cultura em um determinado espaço-tempo.”

As tribos de adolescentes se organizam por gostos, estilos e comportamentos que são comuns. Assim, pode-se dizer que os grupos constituem as referências de identidade de adolescentes, sem que necessariamente tenham que ser fiéis a um grupo somente. Normalmente, eles trocam de grupo de acordo com os interesses, que vão mudando ou transitam em mais de um grupo se assim desejarem.

De acordo com Oliveira [32],

As três tribos que mais se sobressaem entre adolescentes brasileiros são:

1. *tribos fortemente caracterizadas pela imagem estética (góticos, emos...);*
2. *tribos fortemente caracterizadas pelas práticas de lazer (desenhos, jogos, quadrinhos e cosplay);*
3. *tribos fortemente caracterizadas pelo estilo musical (rock, urban, pop dance e elite).*

Embora os elementos citados acima estejam presentes em todas as tribos, o elemento que mais interessa para este estudo é o segundo, que trata sobre as práticas de lazer, tendo em vista ser o que se entrelaça com o perfil de adolescentes que apresentam interesse e

curiosidade pelo mundo audiovisual, onde se destacam os animes, séries, filmes, cosplay, jogos de videogames e animações. Assim, todo esse repertório artístico cultural contribui para que a pessoa adolescente possa criar suas próprias histórias e/ou dar vida aos sentimentos, dramas, descobertas vividas por seus personagens. Nesse sentido, Oliveira [33] afirma sobre os jogos de interpretação de personagem, conhecidos como RPG:

[...] um narrador conduz uma história e jogadores têm a oportunidade de interpretar personagens quase que teatrais que protagonizam o enredo desenvolvido, de alguma maneira, por eles mesmos, pois o desenrolar da trama dependerá quase que totalmente de suas decisões e atitudes. Aproveitando o interesse de adolescentes por temas como o que é o amor, do que é feita a amizade, o que vale a pena na vida, como fazemos para ser feliz.

Relato de observação sobre adolescentes da IENH

Observa-se ainda que o uso das tecnologias por adolescentes nos projetos escolares, como a produção fílmica, pode transformar o espaço da sala de aula, o agir no mundo de tantos adolescentes, proporcionar a descoberta de seus talentos e também dar um sentido para as suas vidas.

Depois de tanto falar em adolescentes, se faz necessário descrever um pouco sobre a experiência desta pesquisadora como educadora, o local onde o projeto de curta-metragem ocorre e as pessoas adolescentes que fazem parte do referido projeto.

Para dar início ao meu relato, penso que é necessário me apresentar para contextualizar a partir de que lugar eu faço esta observação. Eu me chamo Rita de Cássia da Silva Cunha, tenho 52 anos, sou artista, educadora, mãe, estudante e pesquisadora. Trabalho como

professora de Língua Espanhola há mais de 20 anos e encontrei na arte, aliada à tecnologia, uma maneira de ressignificar as minhas aulas. Sempre fui fascinada pelo universo cinematográfico, mas foi nos últimos dez anos que percebi que o cinema poderia ser bem mais do que um material para análise fílmica, reprodução de algumas cenas e videocliques de trilhas marcantes, entendi que os discentes poderiam deixar de ser apenas consumidores para tornarem-se protagonistas da sétima arte.

O local onde o projeto iniciou em 2014 é a unidade Fundação Evangélica da Instituição Evangélica de Novo Hamburgo – IENH [34], que faz parte da rede Sinodal de Educação – IECLB. A escola, que em 2022 completou 190 anos, vem formando as principais lideranças da região e incentiva o aluno a atuar de forma consciente e responsável na sociedade.

Sua Educação Básica envolve a formação humanística, científica, política e cultural do aluno, com foco nos quatro pilares da UNESCO: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a ser, a partir de uma Educação Multiconectada, onde alunos e alunas desenvolvem competências e habilidades, por meio dos trabalhos envolvendo plurilinguismo, pesquisa, liderança e empreendedorismo, saúde e qualidade de vida, sociedade e cultura, além de colaboratividade e tecnologia.

E é nessa proposta envolvendo as habilidades citadas acima que o projeto de curta-metragem estudantil se insere, com o objetivo de proporcionar à pessoa adolescente a possibilidade de ser protagonista de suas histórias e de ser um sujeito capaz de transformar os rumos da sociedade na qual está inserido. Nesse viés, a BNCC [35] ainda diz:

que chamariam de inseguranças, sonhos e expectativas, e de reforçar pilares que acreditam que os mantêm seguros, como as amizades, família e escola. Não obstante a isso, a temática da espiritualidade da pessoa adolescente e a busca do sentido de vida será melhor analisada em capítulo próprio.

Adolescência em Perspectiva

A adolescência, enquanto fase do desenvolvimento humano, comporta um sem-número de compreensões, desde as ciências médicas, com a ideia da adolescência a partir da puberdade, passando pelas ciências jurídicas, que querem abarcar essa fase do ser humano dentro de uma perspectiva etária convalidada a fatos sociais, passando, ainda, pelas ciências sociais, que têm a perspectiva da adolescência na visão cultural e histórica, dado que a pessoa adolescente é o que a cultura a permite ser. Temos ainda uma perspectiva psicológica, que determina uma ideia social-etária e psicológica, onde o ser humano, em uma dada idade, alcança a puberdade, mas, além disso, é tomado por interditos e preceitos sociais informativos, como também por mudanças psicológicas informadas por essa nova configuração que lhe é apresentada.

Se não bastasse essa miríade de conceitos sobre a adolescência e de quando começa e quando termina, a pessoa adolescente, por força de interditos históricos e sociais, mesmo pronta para adentrar no mundo adulto, visto que já possui as prerrogativas corporais de potência e reprodução exigidos aos adultos, sofre uma interdição social. A moratória psicossocial, nos termos de Erikson, como antes citada, impede que aquela pessoa adolescente se inscreva no mundo adulto como um sujeito de plenos direitos. Embora esteja

pronta para trabalhar em igual nível de capacidade, estaria pronta a se reproduzir em igual capacidade, é interdita por uma lei social que lhe suspende os direitos.

Essa interdição cria uma situação de luto, onde a pessoa adolescente precisa elaborar a morte de seu corpo infantil, assim como a morte de sua identidade como criança, para que nasça ou ressuscite naquele corpo outra pessoa. Uma pessoa adolescente com a necessidade da construção de uma nova identidade. Essa nova identidade, contudo, será gestada a partir de experiências que se darão no campo da sociabilidade. A pessoa adolescente, por definição de Maffesoli, se referencia no social, no grupo, na tribo onde suas experiências identitárias são experimentadas, aceitas e negadas, sendo a tribo o tubo de ensaio para a configuração identitária da adolescência.

Nos tempos líquidos em que vivemos, a conexão às mídias se mostra como sendo a perspectiva mais atual, diante disso, a pessoa adolescente de posse de seus meios eletrônicos é capaz de produzir identidades desde os conteúdos criados no seio de suas tribos. O projeto de curta-metragem no âmbito estudantil, contudo, aproveita essa dinâmica social adolescente para, a partir de um telefone celular, ferramenta própria do momento, servir como mola propulsora de sentido de vida para si e para quem se deixe impregnar pela magia do cinema estudantil, visto que se sabe onde um curta se inicia, mas não se pode prever onde ele irá chegar e tampouco quem ele alcançará.

CONCLUSÃO

Este artigo buscou explorar a complexidade da adolescência, transcendendo as definições meramente etárias e biológicas para abarcar suas dimensões psicológicas, sociais e históricas. Demonstrou-se que a adolescência é um fenômeno multifacetado, cuja compreensão exige a integração de diversas perspectivas, desde as normativas legais até as contribuições da psicologia, sociologia e antropologia. A análise da puberdade como um fenômeno universal e biológico foi contrastada com a adolescência, que se revela uma construção psicossocial e culturalmente influenciada. A moratória psicossocial, conceito central na obra de Erik Erikson, emergiu como um período crucial para a formação da identidade, caracterizado por um compasso de espera e por um intenso processo de aprendizagem e aventura, essencial para a harmonização do indivíduo com os valores sociais.

Adicionalmente, o estudo aprofundou-se na construção da identidade na pós-modernidade, conforme delineado por Stuart Hall. A transição de um sujeito centrado e unificado (Iluminismo) para um sujeito sociológico e, finalmente, para um sujeito pós-moderno, fragmentado e em constante transformação, reflete as dinâmicas de uma era marcada pela incerteza e pela pluralidade. Nesse cenário, a busca pela identidade adolescente torna-se ainda mais desafiadora, exigindo que o indivíduo negocie e reinvente-se continuamente em meio a múltiplas referências e à ausência de narrativas sólidas. A adolescência, portanto, na contemporaneidade, é um período de intensa negociação e reinvenção do eu, moldado tanto por imperativos biológicos e psicológicos quanto pelas

complexas interações com um mundo em constante fluxo. A compreensão dessas dinâmicas é fundamental para o suporte e desenvolvimento saudável dos adolescentes na sociedade atual.

REFERÊNCIAS

1. ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012. p. 114.
2. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 15.
3. BISPO, Luciana Santos. **Adolescência contemporânea e a busca pelo sentido da vida: contribuições a partir de um contexto escolar**. 2020. 326 p. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação, Faculdades EST, São Leopoldo, 2020.
4. BOCK, Ana Mercês Bahia. **A adolescência como construção social: um estudo sobre livros destinados a pais e educadores**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), v. 2, n. 1, p. 63-76, jan./jun. 2007.
5. BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990.
6. CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. 2. ed. São Paulo: PubliFolha, 2009. p. 9.
7. DUARTE, Cleia Zanatta Clavery Guarnido. **Adolescência e sentido de vida**. 2007. 148 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
8. ERIKSON, Erik Homburger. **Identidade, juventude e crise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1972.
9. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: o nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 125.

10. GROPPPO, Luis Antonio. **Juventudes: sociologia, cultura e movimentos**. Alfenas: Universidade Federal de Alfenas, 2016. p. 10.
11. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
12. LIBÂNIO, João Batista. **Jovens em tempos de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais**. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 36.
13. LIRIO, Luciano de Carvalho. **A construção histórica da adolescência**. Protestantismo em Revista, São Leopoldo, n. 28, p. 72-79, mai./ago. 2012.
14. LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986.
15. ONU. Organização das Nações Unidas. **Convenção sobre os Direitos da Criança**. Adotada e aberta à assinatura, ratificação e adesão pela Resolução 44/25 da Assembleia Geral de 20 de novembro de 1989. Entrada em vigor em 2 set. 1990. Ratificada pelo Brasil através do Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990.
16. UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Relatório Mundial da Infância: As complexidades da definição de adolescência**. Nova York: United Nations Children's Fund, 2011. p. 8-10.